

Entrevista a Francisco Banha

por Gabriela Raposo, Vida Económica

I - O ano de 2006 reúne várias medidas em prol do empreendedorismo, desde o aparecimento de entidades de apoio a novas empresas e a criação de verbas para start-ups. Que balanço faz do ano passado?

Efectivamente, o ano de 2006 ficou marcado pelo lançamento de algumas medidas em prol do empreendedorismo, das quais constituem exemplo clarificador aquelas a que se refere. Tratam-se de iniciativas que não deixei de aplaudir e de acolher com satisfação, por versarem sobre uma área para a qual há muito venho canalizando os meus melhores esforços, quer através da **Gesventure** com as incontáveis iniciativas que tem vindo a desenvolver, desde 1999, de forma a convocar a cultura empreendedora e a incentivar os jovens a arriscar, a abraçar as oportunidades, e a ousar, inovando e empreendendo, quer através da nossa aposta mais recente de empreendedorismo – na sua vertente social – desenvolvida pela **GesEntrepreneur**, no domínio da formação centrada na aprendizagem, ao promover e a associar-se a iniciativas de cariz social, tais como a reinserção socioprofissional de reclusos e o ensino do empreendedorismo junto das Escolas Secundárias.

Todavia, e não obstante o elevado reconhecimento que não poderei deixar de atribuir ao conteúdo que, do ponto de vista conceptual, essas medidas contemplam, **já ao nível do seu alcance prático não poderei tornar extensível tal reconhecimento.**

Isto porque o sucesso dessas medidas não é algo que resulte do simples facto de terem sido concebidas, pois este depende do nível de concretização que lhes for dada. Obviamente que se essas medidas não passarem do mero plano conceptual, não estarão aptas a reflectir, numa vertente prática, quaisquer efeitos ao nível do efectivo desenvolvimento do Empreendedorismo nacional, por desprovidas da necessária materialização que as converta em resultados objectivos e mensuráveis. E, portanto, lançando um olhar para o que de melhor foi feito nesta área no ano que ora se encerra, muito pouco há para elogiar em termos de **apoio efectivo** ao Empreendedorismo, pois raras foram as concretizações que traduziram efeitos práticos nos domínios do empreendedorismo, da inovação e da competitividade.

Para que se possa compreender o alcance das minhas palavras gostaria de dar apenas o seguinte exemplo: Desde há vários anos existe em França uma iniciativa designada “Concurso

Nacional de Planos de Negócios “ cujo orçamento anual é de 30 milhões de euros, suportado na generalidade por fundos do governo e comunitários, uma vez que se reconhece neste tipo de iniciativa um veículo catalisador do aparecimento de novos projectos empresariais promovidos por Empreendedores qualificados. Em Portugal, não se consegue nem sequer reunir cerca de 1 milhão de euros pois os diversos interesses instalados e os protagonismos desejados impedem a obtenção de consensos sobre esta matéria, o que faz com que estejam a aparecer, sistematicamente, concursos de ideias ou planos de negócio apresentados por inúmeras entidades.

2 - Considera que o Governo está a dar a importante atenção a esta área?

A resposta a esta sua questão vai na linha do afirmado anteriormente no que se refere ao ano de 2006. Efectivamente, também para este ano que se inicia continua a ser dada especial atenção a esta área do Empreendedorismo. Veja-se, a este propósito, o conjunto de incentivos às empresas e ao fomento do empreendedorismo, lançados no âmbito do QREN e que irão ser estruturados ao longo de 2007, por forma a promover a Inovação.

Todavia, não é a atribuir especial atenção a esta área que se provocam mudanças estruturantes que produzam uma efectiva implementação de conceitos como o empreendedorismo, a inovação e a tecnologia, na sociedade portuguesa.

As mudanças estruturantes **não se operam só pela vontade expressa de querer mudar, mas sim pela agilização de um conjunto de meios que levem à mudança!**

Já todos sabemos que as boas intenções plasmadas nas políticas governamentais relativamente a esta área são evidentes. Existe, efectivamente, uma clara intenção de apostar no Empreendedorismo nacional.

Todavia, restará agora que seja implementado, **pelas pessoas certas e fazendo uso dos meios mais adequados**, o conjunto de iniciativas já há muito identificadas, que permitam uma efectiva operacionalização dos conceitos do Empreendedorismo e do Capital de Risco. E espero, muito sinceramente, que no ano em curso algo de notório seja alcançado a este nível.

3 - Pode dizer-se que ao longo dos últimos 18 meses surgiram mais projectos empreendedores?

Sim, sem dúvida. Se considerarmos que apenas durante o 1º semestre de 2006 foram canalizados 17,8% da totalidade dos capitais investidos para 41 projectos empresariais que se

encontravam nas fases iniciais de desenvolvimento “Seed capital” e Start-up”, facilmente se conclui que o aparecimento de projectos empresariais aumentou consideravelmente durante o período em referência.

Para a criação deste cenário, a PME Investimentos – e também, embora de forma menos expressiva, a PME Capital - assumiu um contributo notável, ao lançar uma forte aposta no Empreendedorismo Qualificado – contrariando a tendência dominante de investimento quase exclusivo nas fases Expansão, Turnaround e Buyout- ancorando a sua estratégia de investimento, principalmente, ao nível dos estágios de desenvolvimento “Seed capital” e “Start-up” e produzindo um espectacular efeito demonstrador na Indústria de Capital de Risco nacional, pelo elevado número de operações que conseguiu concretizar num tão curto espaço de tempo, graças à sua pró-actividade na procura de operações e na postura da inovação e da criatividade nas relações mantidas com os empreendedores.

Obviamente que este movimento de maior aproximação da oferta de Capital à procura por parte dos Empreendedores - até há bem pouco tempo quase inexistente ou irrelevante – desencadeou, por sua vez, um maior ânimo e uma maior apetência para o aparecimento de novos projectos empresariais.

4 - Da experiência e do contacto que tem com Empreendedores, de que áreas/sectores surgem mais start-ups?

A par da área das Tecnologias de Informação e Comunicação, que continua a figurar como uma das áreas mais representativas da actividade desenvolvida pelas start-ups portuguesas, a Biotecnologia - sobretudo nas vertentes farmacêutica, diagnósticos e agro-alimentar – começa também a evidenciar forte apetência por parte dos Empreendedores portugueses.

Contudo, os sectores da Energia, em especial na área das energias renováveis, Turismo, Ambiente, Nanotecnologia e Serviços às empresas, têm evidenciado igualmente uma representatividade crescente no número de projectos que têm sido submetidos à apreciação dos investidores portugueses.

5 -Existe maior confiança para a criação de novas empresas?

O indicador mais relevante que se me afigura ter gerado maior confiança para a criação de novas empresas, **consiste no efeito demonstração, a que me referi anteriormente,**

decorrente da actuação das Sociedades de Capital de Risco Públicas PME Investimentos e da PME Capital que, ao criarem importantes precedentes na história desta Indústria com a realização de investimentos nas fases “Seed capital” e “Start-up” e em sectores de base tecnológica como foi o caso da Biotecnologia, numa atitude de proactividade nunca antes manifestada, têm vindo a proporcionar um ambiente estimulante ao Empreendedorismo e à iniciativa empresarial, nomeadamente junto do meio Universitário.

6 - Quais as expectativas para este ano? Que medidas gostaria de ver concretizadas em 2007?

Espero, muito convictamente, que quem tem responsabilidades nestas importantes matérias, se dedique empenhadamente à implementação operacional dos objectivos globais que têm vindo a ser delineados debaixo do conceito “Plano Tecnológico “, incentivando os seus gestores a “agir”, mais do que somente falar, uma vez que **só “agindo” podemos construir um mundo com que sonhamos...**Será que é assim tão difícil, que não se consiga?

Por outro lado, espero que se continue a preencher o “Gap” ainda existente nas fases de capital semente através não só da manutenção do excelente comportamento manifestado pelas SCR do Estado ao longo dos últimos 18 meses, mas fundamentalmente por parte da entrada de novos investidores – business angels, fundos seed capital universitários e corporate ventures- que permita estimular o aparecimento e o estabelecimento de novas empresas voltadas para a inovação.

Relativamente à segunda parte da questão, tal como compreenderá, são incontáveis as medidas que gostaria de ver concretizadas em 2007 tendo em conta o incipiente panorama em que o Empreendedorismo nacional ainda se movimenta, não obstante as várias iniciativas políticas e da sociedade civil que vão sendo lançadas em prol do mesmo, mas que todavia ainda se encontram longe de proporcionarem uma efectiva implementação de um Ecosistema potenciador da actividade Empreendedora.

Porém, e independentemente da mais valia que cada uma dessas iniciativas representa, sou da opinião que a melhor “medida” que poderíamos ter no Empreendedorismo nacional seria aquela que, a curto prazo, tornasse possível apresentar algumas histórias de sucesso internacional, por parte de Empreendedores nacionais, persuasivas e capazes de reter a atenção dos “radars” dos grandes “players” mundiais a exemplo do que aconteceu recentemente com as operações de alienação de capital por parte dos investidores que

inicialmente “apostaram” nas “Start-ups” europeias : Skype, Kelkoo, Cambridge Silicon Rádio e Q-Cell só para citar algumas.

Recordo que só nos últimos 18 meses as SCR portuguesas investiram em mais de 70 empresas, de elevado potencial de crescimento e valorização, pelo que não custa acreditar que algumas destas possam também vir a ser consideradas histórias de sucesso, contribuindo não só como fonte de inspiração para a nova geração de empreendedores que o nosso País tanto necessita, mas também como um veículo de angariação de novos Investidores para o mercado português.

Em todo o caso, transmito-lhe uma importante medida que gostaria de ver, a breve trecho, concretizada e que se traduz em **tornar extensível à generalidade das Escolas Secundárias do país o ensino do Empreendedorismo, com base numa abordagem “learning by doing”**, à semelhança do que já vem sendo realizado (i) nas Escolas Secundárias da Madeira, nas quais já se encontram envolvidos mais de 1.600 jovens, sob a coordenação do CEIM – Centro de Empresas e Inovação da Madeira (ii) e no Concelho de Cascais, numa iniciativa da Câmara Municipal de Cascais através da Agência DNA Cascais, onde cerca de 40 professores realizaram acções de formação em Empreendedorismo tendo em vista promover a criatividade, o espírito empreendedor e a assumpção do risco junto de 550 estudantes deste nível de ensino.

7 – Porque defende tanto o ensino do Empreendedorismo nas Escolas Secundárias?

Denote-se que é nas Escolas Secundárias que melhor se preparam os jovens para o ensino superior, pois são estes que formam o capital Conhecimento do amanhã. E se este ensino não se apresentar coadunado com os desafios impostos pelo Século XXI, o futuro destes jovens ficará seriamente comprometido.

É neste contexto que o ensino do Empreendedorismo assume particular relevância ao proporcionar aos nossos jovens uma melhor preparação para enfrentarem os desafios actuais e futuros, bem como para iniciarem a mudança através de inovação e responsabilidade, permitindo-lhes desenvolver as capacidades e atitudes necessárias para se ser produtivo, auto-motivado e com espírito empreendedor.

Recentemente, Bill Gates pronunciou-se publicamente sobre as Escolas Secundárias da América, afirmando, a este propósito, que **estas estão obsoletas**, uma vez que não se encontram aptas a ensinar aos jovens americanos o que eles precisam de saber hoje. Referiu

que o ensino secundário vigente foi projectado há cinquenta anos atrás para ir ao encontro de necessidades daquele tempo e não para satisfazer necessidades do Século XXI. E, como tal, afirmou que ao se formar a força de trabalho de amanhã com as Escolas Secundárias de hoje equivale a tentar transmitir conhecimentos aos miúdos sobre computadores utilizando um processador com cinquenta anos.

Ou seja, é estarmos a utilizar o instrumento errado para os tempos que correm.

Ora, se a América – enquanto paradigma das nações industrializadas – tem, porventura, as suas Escolas Secundárias obsoletas, o que se dirá a respeito das Escolas Secundárias portuguesas?

E esta questão assumirá ainda mais importância se considerarmos que o número de alunos do secundário tem vindo a aumentar significativamente ao longo dos últimos anos. Denote-se que do ano lectivo de 2005/2006 para 2006/2007 o número de alunos do Secundário aumentou em mais 11.264 novos alunos, abarcando actualmente este nível de ensino um total de 337.446 alunos.

Assim, e se considerarmos que o ensino do Empreendedorismo, uma vez inserido no contexto educacional existente ao nível das Escolas Secundárias, produz o aumento do interesse na aprendizagem por parte dos alunos, aumenta a taxa de retenção e graduação para “alunos problemáticos”, estimula a vontade de ser um empreendedor, provoca um maior envolvimento dos estudantes no processo de aprendizagem e uma aplicação renovada dos próprios professores, facilmente se compreenderá o motivo pelo qual defendo acerrimamente a aplicação generalizada do Empreendedorismo ao nível das Escolas Secundárias.

Respostas fornecidas por Francisco Banha, Presidente da Gesventure e da GesEntrepreneur – fbanha@gesbanha.pt ; www.gesventure.pt - à Jornalista Gabriela Raposo – Vida Económica em 15.01.07